

PROBLEMATIZANDO A ESPORTIVIZAÇÃO DO FISCULTURISMO FEMININO BRASILEIRO

IASMIM LEGUISSANO DOS SANTOS¹; LUIZ CARLOS RIGO²

¹Universidade Federal de Pelotas– iasmim.adsl@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– rigoperini@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O *Bodybuilding*, também conhecido como culturismo ou fisiculturismo¹, é um esporte que vem adquirindo novos adeptos no Brasil e em outros países, foi incluído pela primeira vez nos Jogos Pan-Americanos em Lima-Peru, no ano de 2019 e vem sendo constituído de novas Federações e Instituições em diferentes países. De acordo com Santos e Lessa (2020), o fisiculturismo caracteriza-se pelas competições que são conhecidas como *show*. Nessas competições as/os atletas realizam poses e/ou coreografias, submetendo-se ao julgamento realizado por uma equipe de arbitragem.

Atualmente o fisiculturismo contempla as modalidades femininas e masculinas, dividindo-se em várias categorias. A participação de mulheres no fisiculturismo foi uma conquista gradual. Algumas mulheres tiveram um papel pioneiro de destaque nesse processo, como foi o caso da atleta Lysa Lion² que se sagrou campeã do primeiro campeonato IFBB *Women's World Pro Body Building Championship* realizado em Los Angeles no mês de junho de 1979 (JAEGER, 2009).

O processo de esportivização do fisiculturismo no Brasil, tem se caracterizado por uma série de controvérsias relacionadas, por exemplo, aos corpos volumosos que as atletas constroem, seja pelo uso de substâncias químicas para potencializar a musculatura, seja pelos treinos exaustivos que põe em suspeição sua feminilidade, ou o quanto de hipertrofia podem chegar é um tema que demanda maiores investigações acadêmicas/científicas.

Desse modo, o objetivo central desse estudo é problematizar o processo de esportivização do fisiculturismo feminino brasileiro, atentando para as relações de poder constituintes das subjetividades das fisiculturistas federadas.

2 METODOLOGIA

Diante dos distintos modos de olhar para os corpos produzidos no fisiculturismo competitivo, o presente estudo se dará no campo das pesquisas qualitativas. Para pensar a historicidade do fisiculturismo, recorreu-se a alguns autores renomados no assunto, além dos documentos da Federação Internacional de Musculação e Fitness (IFBB). Para tratar das relações de poder e dos processos de subjetivação das mulheres atletas no fisiculturismo brasileiro fizemos uso de algumas contribuições de Michel Foucault.

¹Nessa pesquisa utilizaremos o termo fisiculturismo por ser o mais comumente usados entre atletas.

² Lisa Lyon foi a primeira fisiculturista notória que essencialmente inventou o tipo de combinação onde exibia seus músculos e movimentos rítmicos caracterizando um modelo de apresentação próximo a competições para mulheres até hoje. (Enciclopédia do fisiculturismo).

A logística da pesquisa envolve fontes empíricas de duas naturezas, sendo elas: fontes documentais e fontes orais, que possuem um caráter de complementaridade entre si e foram coletadas concomitantes. Para constituir a rede de fisiculturistas entrevistadas, levamos em consideração a experiência que a pesquisadora possui junto ao objeto de estudo, por ter sido competidora amadora nos anos de 2017 e 2018 e, atualmente, é membro da comissão de arbitragem da Federação de *Body Building* e Fitness do RS.

Este trabalho se dá a partir de um recorte da dissertação que está em elaboração, sendo assim, o corpus empírico da pesquisa contempla a análise documental e mais 6 entrevistas compreensivas com atletas e ex-atletas de fisiculturismo e uma entrevista com a dirigente e vice-diretora da IFBB Brasil, Margarete Rodrigues. Todavia, por este texto caracterizar-se como olhar introdutório e geral da pesquisa, apenas passagens da entrevista com Margarete Rodrigues, foram diretamente citadas, pois associada às fontes documentais a entrevista com Margarete Rodrigues, nos ajudou a constituir um panorama mínimo do estado da esportivização do fisiculturismo feminino brasileiro.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em síntese, o fisiculturismo é um esporte que envolve tamanho, forma, proporção e qualidade estética do físico e entre as categorias do fisiculturismo, um dos pontos a ser observado é o número reduzido de mulheres que competem nas categorias *bodybuilder* em relação ao número de competidoras nas categorias *fitness*³, as quais o critério “beleza” também é pontuado.

Ao revisitar a história do Fisiculturismo percebe-se que o panorama foi crescendo ao longo dos anos e os corpos musculosos começaram a aparecer em anúncios de jornais, revistas e televisão (SCHWARZENEGGER, 2001). Como consequência, novas atrizes e atores, modelos fotográficos e de passarela também passaram a frequentar academias/ginásios para estar em forma com o objetivo de impressionar o público e conquistar o corpo atlético, que passou a simbolizar prestígio social, manifestando a nova ética da competição e do mérito, bem como um ideal estético (SCHWARZENEGGER, 2001).

O Fisiculturista, ele carrega o esporte no corpo, por isso do preconceito (...) muitos confundem, acha que: ah, os recursos ergogênicos... o problema é que infelizmente, por exemplo, a gente sabe que nos esportes, o esporte que mais usa é o ciclismo, só que ele usa uma droga diferente, ele usa para aumentar o rendimento cardiovascular dele. O Fisiculturismo, não. Infelizmente, o Fisiculturismo nem usa, mas como ele tem aquele corpo por tantos anos de treino, tem gente que já mantém uma maturidade muscular que usa muito menos do que um cara que está em academia se enchendo de porcaria.

Margarete - Dirigente

No início do século XIX para o XX, inúmeras mulheres também adquiriam notoriedade e reconhecimento público ao se apresentarem como “profissionais da força” ou *strongwomen*. Os espetáculos dessas mulheres percorriam a Europa e os Estados Unidos e se caracterizavam, fundamentalmente, por demonstrações de força física onde elas elaboravam diferentes formas de exhibir seus corpos

³Em um mesmo campeonato de fisiculturismo as categorias femininas exigem padrões diferentes para participar da competição, algumas categorias exigem maior volume, definição muscular e até mesmo adereços, tais diferenças serão esmiuçadas mais adiante.

como uma arte, obtendo apreciação e respeito⁴. Kattie ou Katie Brumbach adquiriu grande popularidade nos primeiros anos do século XX, onde ficou conhecida como Sandwina ou a *Iron-Queen* Sandwina, fundamentalmente quando, em um pequeno clube na cidade de Nova York, venceu Eugene Sandow em um desafio de força ao erguer sobre sua cabeça um peso total de 300 libras superando o adversário, que o ergueu somente até a altura do peito. O nome Sandwina, o duplo feminino de Sandow, foi inventado neste dia.

Ao perceber o silêncio sobre às *strongwomans* como, por exemplo, a existência velada de Sandwina, considerada a mulher mais forte do mundo de 1910⁵, temos indícios reveladores dos discursos que sustentam os procedimentos disciplinadores daquele tempo (GOELLNER; FRAGA, 2004).

As academias nos anos 80 tinham preconceito. Porque só tinha academia de musculação depois que veio a ginástica. Aí nos anos 90 que começou a entrar a ginástica. Aí as mulheres começaram a participar mais porque daí entrou a ginástica, aeróbica de alto impacto, de baixo impacto, ginástica localizada. Aí começou a entrar a ginástica, aí as mulheres começaram a aderir (...) Margarete - Dirigente

Durante alguns anos os esportes de força foram condenados para as mulheres que eram vistas como frágeis e vulneráveis em função de sua capacidade reprodutora. Hoje com os avanços da ciência, das ciências do esporte e, principalmente, pela história das mulheres atletas, que foi escrita às custas de muita resistência e luta, encontramos um número cada vez maior de mulheres que buscam uma modalidade desportiva, sejam lutas marciais, boxe, musculação ou mesmo jogos de quadra, como investimento profissional, para suprir seus desejos de beleza, como momento de lazer ou mesmo por prescrições médicas ou fisioterápicas (LESSA, 2004).

Os caras estavam destruindo as mulheres. Mas tu achas que uma entidade como a IFBB ia querer ver as atletas todas destruídas? Não. Se os treinadores... Porque isso aí é culpa de treinador. (...) A deformidade no rosto, masculinização, aquele volume muscular muito grande, realmente se apresentando uma pessoa muito masculina... A IFBB como entidade, não quer isso. Aí nós tiramos o *Body Building*, porque realmente ficou muito aquém do que a gente... começou a deturpar a imagem. Ficou feio. E outra, não apresenta um aspecto saudável da mulher. Porque ela já se apresentava no palco sem cabelo. Então tu estás vendo, né. Então, isso foi banido. Margarete - Dirigente

A maior visibilidade do fisiculturismo a partir das mudanças dentro do próprio campo indicam que independente do processo de inclusão ou exclusão dos Megaeventos Esportivos, jogos Pan Americanos e ou as Olimpíadas, o fisiculturismo é uma prática esportiva emergente que a cada dia encontra novos adeptos, independente do sexo ou gênero.

⁴A norte americana Minerva, por exemplo, entrou para o *Guinness Book*, em 1985, ao levantar do solo uma plataforma de madeira onde subiram 23 homens, totalizando 1650 quilos (Tood, 1990, p.15)

⁵ Em outubro de 1910, Sandwinamedia 1 metro e 82 centímetros de estatura, pesava cerca de 98kg e tinha um bíceps de aproximadamente 44 cm. O jornal alemão *Woven Man Spricht* publicou, em dezembro de 1910, uma entrevista com ela conferindo-lhe o título "*The Iron-Queen, the word's most powerful woman*".

4 CONCLUSÕES

O processo de esportivização do fisiculturismo no Brasil, tem se caracterizado por controvérsias relativas aos corpos musculosos das atletas, ao máximo de hipertrofia que os corpos das mulheres podem/devem chegar e pelas denúncias de possível uso de substâncias químicas e doping no interior desta prática corporal.

Logo, o fisiculturismo pode ser compreendido como uma modalidade esportiva cuja gênese deu-se em um contexto sociocultural em que ainda são hegemônicas as ideias e as crenças de que os corpos devem possuir estruturas musculares que corresponde a um ou a outro sexo e/ou gênero.

Nas relações de poder existentes no campo esportivo é comum vermos a constituição de discursos que tendem a generalizar o fisiculturismo competitivo como uma prática impregnada pelo uso de esteroides anabolizantes. Isso propiciou uma certa estigmatização das mulheres atletas de fisiculturismo, inclusive no contexto acadêmico.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOELLNER, S. V. A inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentivos nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas: Autores Associados: CBCE, v. 25, n. 2, p. 71-84, jan. 2004. Disponível em <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/227>. Acesso em 22 jul. 2021.

JAEGER, A. A. **Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo**. Tese (Doutorado em Educação Física). Programa de Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Porto Alegre, 2009. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15749?show=full>. Acesso em 22 jul. 2021.

LESSA, P. Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista. **Motrivivência**. Florianópolis: editora UFSC, a. XVII, n. 24, p. 157-172, jun. 2005. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/862>. Acesso em 22 jul. 2021.

GUMBRECHT, H. U. **Elogio da beleza atlética**. Editora: Companhia das letras, v.1, 2007.

SABINO, C. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: Goldenberg M, org. **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 139-88.

SANTOS, I.; LESSA, P. **Mestre Puma e Larissa Cunha: Na história da musculação competitiva**. Editora Appris, v.1, 2020.

SCHWARZENEGGER, A. **Enciclopédia de fisiculturismo e musculação**. Artmed Editora, 2001.